



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7488 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 14 - Sociologia da Educação

O OLHAR DOS PROFESSORES A RESPEITO DOS ARRANJOS FAMILIARES DE SEUS ALUNOS

Lorena Mara de Jesus Sodré - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

O OLHAR DOS PROFESSORES A RESPEITO DOS ARRANJOS FAMILIARES DE SEUS ALUNOS

Quando falamos em família, é comum que esta seja entendida como uma instituição tradicional, de arranjo nuclear, composto por pai, mãe e filhos e resultante de um casamento monogâmico e heteronormativo. Embora esse seja apenas mais uma composição familiar possível em nossa sociedade, o arranjo nuclear ainda é considerado um ideal de se viver em família, difundido pela mídia, por instituições religiosas e também presente na sociedade em geral, em muitos casos, sendo propagado até mesmo por aqueles que vivem experiências familiares distintas a ele. (OLIVEIRA JUNIOR; MORAES E COIMBRA, 2016).

Essa concepção da existência de uma forma ideal de ser família também está presente nas instituições escolares. Professores e demais profissionais da escola possuem certa dificuldade para compreenderem e aceitarem a diversidade e as mudanças sociais e familiares e “considerá-las nas novas exigências interpostas à execução dos objetivos escolares” (PEREZ, 2009, p. 387). Embora não exista uma padronização no público atendido pela escola, as famílias que não atendem aos parâmetros estabelecidos são, em muitos momentos, estigmatizadas, tomadas como pouco envolvidas na vida escolar dos alunos, fazendo com que alguns perfis familiares se afastem de tais estabelecimentos, por não se sentirem acolhidos em suas especificidades (CARVALHO, 2004; RESENDE, 2009).

O presente trabalho, é fruto de dados secundários, provenientes de uma pesquisa mais ampla que pesquisou a omissão parental em duas escolas públicas. Nosso recorte tem por objetivo apresentar a percepção de professores a respeito de alunos e suas famílias, presentes em uma escola localizada em uma região de bastante vulnerabilidade social, destacando principalmente as situações em que os estudantes fazem parte de arranjos familiares distintos ao padrão nuclear; bem como a forma com que esses docentes apreendem a influência de tais casos nos processos escolares.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva da teoria da rotulação, cuja abordagem se inscreve na etnometodologia, a qual possibilita a análise das práticas e dos fatos educativos em sua construção, permitindo a compreensão das situações existentes no ambiente e cotidiano escolar. Foram analisadas as transcrições de dois grupos focais realizados com os professores do ensino fundamental da escola pesquisada, em que os

docentes discutiram questões relacionadas às famílias de seus alunos.

Como destaca Coulon (2017), ao possuírem diversas fontes de informações de anos anteriores a respeito dos alunos, como as notas e fichas escolares, professores podem por antecipação, formar julgamentos baseados em expectativas previamente estabelecidas. O autor destaca ainda, a condição social, como um importante indicador da maneira como a escola lida com os seus alunos, uma vez que os professores esperariam resultados pouco satisfatórios de estudantes oriundos das classes sociais menos favorecidas e sobrestimariam aqueles das classes médias e das famílias consideradas melhores.

Ao analisar as falas dos professores, foi possível identificar a tendência de relacionarem a condição social dos estudantes, a profissão e a escolaridade dos responsáveis à participação ou não desses na vida escolar e nas atividades desenvolvidas pela escola. Segundo estes profissionais, as famílias com condições financeiras melhores, tenderiam a ser mais presentes no cotidiano escolar dos alunos e a contribuir com as demandas pedagógicas. Por outro lado, quanto mais escassas as condições sociais desses, menor seria a participação dos responsáveis e maiores as dificuldades escolares das crianças e adolescentes.

Em relação à configuração familiar, grande parte dos professores destaca a expressiva ocorrência de alunos que não residem com pai e/ou mãe, mas com avós, tios ou outros familiares, por diversos fatores, seja por seus progenitores estarem em situação de aprisionamento ou envolvimento com drogas, ou por esses terem sido pais e mães muito jovens. Segundo os docentes esses fatos fizeram com que muitos não desenvolvessem a responsabilidade em relação aos filhos, fazendo com que esses ficassem sob os cuidados de outros familiares, menos capacitados para se envolverem ou compreenderem as necessidades escolares dos estudantes.

A comunidade onde a escola está localizada situa-se em uma região afastada da cidade, com difícil acesso, o que dificultaria a circulação de seus moradores para outros pontos da cidade. Segundo os professores, isso faria com que os moradores se relacionassem geralmente entre si, gerando assim configurações familiares não muito convencionais. Eles destacaram como exemplo, a existência de irmãos que frequentam a mesma turma e possuem a mesma idade, por serem filhos do mesmo pai, entretanto de mães diferentes. Em muitos casos isso seria motivador da falta de assistência desses responsáveis em suprir as necessidades de todos os filhos, que traria como resultados a carência afetiva, material e de demais cuidados para eles.

A junção de tais fatores geraria o afastamento da família em relação à escola. Na percepção de muitos professores, a comunidade parece nutrir um sentimento de ingratidão frente à escola, uma vez que essa sempre buscaria formas de aproximação com as famílias. Para os docentes, algumas famílias seriam omissas porque dificilmente respondem à solicitação da escola para o agendamento de reuniões por motivos de indisciplina e rendimento escolar, ocasionando uma série de problemas aparentemente sem resolução.

Por seu turno, as famílias tendem a enxergar a escola como um local de formação completa dos alunos, onde todas as ocorrências em relação à vida escolar desses estudantes deveriam ser resolvidas pela instituição, não sendo levado em consideração a importância da família no processo de aprendizagem. A escola seria tratada como opositora à família e não como uma aliada, que estaria agindo em prol dos interesses dos estudantes.

Diante do panorama apresentado, é possível inferir que a relação entre escola e família não é uma relação tranquila. Tal relação é complexa e por vezes desarmoniosa, levando assim a uma disputa de responsabilidades entre essas duas instituições sociais fundamentais na formação escolar.

No caso da escola estudada, fica evidente o conflito existente, uma vez que os professores tendem a atrelar as dificuldades dos alunos às famílias a que estes pertencem como também à ausência destas na escola. Entretanto é necessário o entendimento mais aprofundado de como a rotulação dos grupos por parte de professores e demais profissionais da escola influenciam este afastamento da família e quais seriam as maneiras mais eficazes de mitigar as dificuldades presentes nesta relação tensa, porém tão importante para a vida dos estudantes, uma vez que são eles que permanecem no ‘fogo cruzado’ de uma disputa que, muitas vezes, lembra a uma guerra de narrativa. Por um lado, os professores acusando as famílias de demissionárias e, do outro lado, as famílias acusando os professores de não educarem seus filhos.

Palavras-chave: Relação família-escola. Teoria da Rotulação. Arranjos familiares.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. E. Modos de educação, gênero e relações escola-família. *Cadernos de Pesquisa*, n. 121, p. 41-58, jan/abr 2004.

COULON, A. *Etnometodologia e educação*. São Paulo: Cortez, 2017.

OLIVEIRA JR., I. B.; MORAES, D. A. F.; COIMBRA, R. M. A indústria cultural e a des/re/construção das estereotípias de famílias na formação de conceitos docentes. *RIAAE: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 11, n. 4, p. 2012-2029, 2016.

PEREZ, M. C. A. Relação família-escola: a escolarização das crianças das camadas populares. In: PINHO, S. Z. (Org.). *Formação de educadores: o papel do educador e sua formação*. São Paulo: Unesp, p. 383-396, 2009.

RESENDE, T. F. Coragem para a luta: desafios e potencialidades da relação escola-famílias. *Cadernos CENPEC*, v. 4, p. 75-85, 2009.